

**PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE
ABUSO SEXUAL INCESTUOSO SOBRE O LUGAR VIVENCIADO:
LEMBRANÇAS E RELATOS**

Danúbia Zanotelli Soares

orcid.org/0000-0002-3951-0951
Universidade Federal de Rondônia - UNIR
E-mail: danubia_zanotelli@hotmail.com

Maria das Graças Silva Nascimento

orcid.org/0000-0002-1758-4116
Universidade Federal de Rondônia - UNIR
E-mail: gracinhageo@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa se debruça a estudar o espaço vivenciado por crianças e adolescentes do gênero feminino com agressores que as tornaram vítimas de abuso sexual. Os relatos de cinco vítimas demonstram sentimentos de desprazer e medo referente ao local onde os abusos eram cometidos: o próprio lar. A natureza da pesquisa é qualitativa com a utilização do método fenomenológico e a técnica de história oral, objetivando analisar as percepções das vítimas em relação ao lugar vivenciado e aos problemas resultantes do abuso ao longo das etapas de formação de suas identidades, ou seja, da construção do Ser. Como suporte bibliográfico foi de suma importância às contribuições de autores como Otto Friedrich Bollnow, Gaston Bachelard, Edmund Husserl, Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan, Hanna Arendt, Michel Foucault, Heleieth Saffioti, entre outros, concomitante a pesquisas em periódicos, dissertações e teses na tentativa de compreender o ato de violência e os sentimentos daquelas que tiveram sua infância e/ou juventude coisificada.

Palavras-Chave: Subjetividade; Incesto; Lugar Vivenciado; Fenomenologia.

**PERCEPTIONS OF CHILDREN AND ADOLESCENTS VICTIMS OF
INCESTUOUS SEXUAL ABUSE ABOUT THE PLACE EXPERIENCED:
MEMORIES AND REPORTS**

Abstract

The present research focuses to study the geographic space constructed and shared by female children and adolescents with aggressors who have made them victims of sexual abuse. The reports of five victims show feelings of displeasure and fear about the places where the abuses were committed: the home itself. The nature of the research is qualitative with the utilization of the phenomenological method and the technique of oral history, aiming to analyze the victims' perceptions regarding the place lived and the problems resulting from abuse throughout the stages of the formation of their identities, that is, the construction of Being. As bibliographical support was of great importance the contributions of authors as Otto Friedrich Bollnow, Gaston Bachelard, Edmund Husserl, Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan, Hanna Arendt, Michel Foucault, Heleieth Saffioti, among other, concomitant the researches

in periodicals, dissertations and theses in an attempt to understand the act of violence and the feelings of those who had their childhood and / or youth in material things.

Keywords: Subjectivity; Incest; Lived Place; Phenomenology.

PERCEPCIONES DE NIÑAS Y ADOLESCENTES VÍCTIMAS DE ABUSO SEXUAL INCESTUOSO A CERCA DEL LUGAR VIVIDO: RECUERDOS Y RELATOS

Resumen

La presente investigación estudia el espacio vivido por niñas y adolescentes del género femenino con agresores que las hicieron víctimas de abuso sexual. Los relatos de cinco víctimas demuestran sentimientos de disgusto y miedo hacia al lugar donde se cometieron los abusos: el propio hogar. La naturaleza de la investigación es cualitativa con la utilización del método fenomenológico y la técnica de historia oral, objetivando de analizar las percepciones de las víctimas en relación al lugar vivido y a los resultados de los problemas del abuso a lo largo de las etapas de formación de sus identidades, o sea, construcción del Ser. Como apoyo bibliográfico fue de grande importancia las contribuciones de autores como Otto Friedrich Bollnow, Gaston Bachelard, Edmund Husserl, Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan, Hanna Arendt, Michel Foucault, Heleieth Saffioti, entre otros, concomitante a encuestas en periódicos, disertaciones y tesis en el intento de comprender el acto de violencia y los sentimientos de aquellas que tuvieron su infancia y / o juventud cosificada.

Palabras claves: Subjetividad; Incesto; Lugar Vivido; Fenomenología.

Introdução

Diante de toda a realidade assustadora que o tema nos possibilita conhecimento, aparece à forma como a violência sexual contra meninas é praticada. Na maioria absoluta dos casos são cometidos pelos próprios parentes das vítimas, pelos pais, irmãos, avôs, tios, primos, etc., ou seja, aqueles que teriam a obrigação de proteger a vida dessas meninas, que constituem a maior porcentagem nas estatísticas brasileiras. O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018) sobre a violência sexual contra adolescentes no Brasil entre 2011 a 2017 registrou 58.030 casos de abuso sexual, desse total 74,2% foram cometidos contra crianças do gênero feminino. Em relação à população adolescente até 14 anos, foram registrados 83.060, sendo 92,4% das vítimas do gênero feminino.

A maioria dos abusos ocorre na casa ou o lugar onde as vítimas vivem, e são conhecidos como violência sexual incestuosa ou violência sexual intrafamiliar. O lar passa a ter diferentes concepções para a vítima e para o agressor, enquanto a vítima sente medo, insegurança, o agressor vê no ambiente restrito, condições adequadas para a prática criminosa. A violência sexual praticada contra a criança e adolescente interfere

negativamente na relação da vítima com o lugar vivenciado, podendo se estender ao longo de várias fases da formação subjetiva, ainda que os abusos não mais ocorram.

Na tentativa de analisar as lembranças de cinco mulheres vítimas de abuso sexual quando crianças acerca do lugar vivenciado, utilizados a técnica de História Oral proposta pelo autor José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) que a caracteriza como uma “[...] forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento” (MEIHY, 2005, p. 57). É de suma importância estar em contato com o fenômeno pesquisado e principalmente dar voz as pessoas como forma de entender seu presente, a partir de sua história de vida, carregada em sua memória e em seu corpo.

O conhecimento das vítimas e participantes das histórias orais foi possível através de pesquisas realizadas para construção de dissertação de mestrado em geografia, no corrente ano, pelo programa de pós-graduação em geografia da universidade federal de Rondônia, pela autora e co-autora (orientadora da construção científica) deste artigo. Após visitas de campo em uma unidade de psicologia clínica, mantida por uma instituição particular localizada em um município de Rondônia, através da intercessão de profissionais, chegamos ao contato com as vítimas, que de maneira espontânea, demonstraram interesse em participar da construção epistemológica, levadas pelo entendimento da necessidade em denunciar práticas abusivas e criminosas, como o fenômeno em estudo. O rigor da pesquisa foi solidificado respeitando as condições emocionais das vítimas, seus relatos, anonimato, e termos de autorização devidamente assinados por todas as participantes.

Salutar dizer que o método fenomenológico nos conduziu as percepções subjetivas que cada vítima, ao longo das fases de formação humana, construiu sobre o espaço vivenciado. Através da obra “A poética do espaço” do filósofo francês Gaston Bachelard concluímos que “[...] o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1993, p. 19). O conhecimento da obra nos permitiu debater o assunto em uma posição mais elevada e entender as dificuldades dessas meninas/mulheres que tiveram sua infância e adolescência coisificada, o que conseqüentemente trouxe limitações sobre o poder de tomada de decisões sobre suas vidas, influenciando em seus sentimentos e comportamentos anos mais tarde.

Os dados da pesquisa nos conduzem a reflexão e ao mesmo tempo a conversa com renomados autores que discursaram sobre elementos presentes dentro dessas estatísticas. O arquiteto, pedagogo e filósofo alemão Otto Friedrich Bollnow (2008), por exemplo, em sua importante obra “O Homem e o Espaço” nos leva a compreensão da casa de maneira simples, de forma que provavelmente pouquíssimas pessoas realizam, antes da leitura. Entretanto o aconchego e a segurança do lar descrito pelo autor passam muito longe das considerações que as vítimas de abuso sexual têm sobre o espaço vivenciado. Ao invés de paz, de tranquilidade e proteção, na vida das vítimas se convertem em lugar de terror, fobias, medo e violência.

Contribuições de pesquisadoras, filósofas, historiadoras e geógrafas militantes em estudos de gênero, tais como Joan Wallach Scott, Judith Butler, Heleieth Saffioti, Joseli Maria Silva e Maria das Graças Silva Nascimento Silva foram de suma importância para a caracterização do termo e entendimento das relações de gênero estabelecidas na sociedade. O geógrafo Yi-Fu Tuan, as filósofas Hanna Arendt, Marilena Chauí e o filósofo e historiador francês Michel Foucault nos forneceram as bases para a construção da vivência humana e o entendimento a partir dos relatos das vítimas sobre as percepções subjetivas em espaços permeados pela falta de segurança e perda da dignidade humana. As cinco mulheres que contribuíram com seus depoimentos para a concretização da pesquisa demonstram o medo do ambiente vivenciado por elas e pelos agressores em suas falas, que não só estiveram presentes no período em que sofriam os atos de violência, mas no decorrer dos anos de vida.

Tal estudo vai ao encontro do que Silva (2013) defende como sendo o papel da ciência geográfica, como um importante meio de entender o mundo. Entretanto, esse entendimento torna-se mais completo quando as relações sociais constituídas no espaço geográfico são também alvo de estudos, sobretudo, quando as diferenças biológicas e culturais forem utilizadas para classificar os seres humanos que compartilham esses espaços. Nesse sentido, a pesquisa visa contribuir e alertar sobre a necessidade de diálogos acadêmicos, bem como estudo acerca do tema devido o alto número de registros de crimes dessa natureza e as consequências desse processo na vida das vítimas ao longo das fases do desenvolvimento humano.

Finalmente chegamos então à funcionalidade da fenomenologia, descrita por Husserl (2006) e pela geógrafa Anne Buttimer (1982) como método que não tem interesse

na existência, mas na essência do sujeito e a maneira como ele se percebe no mundo vivido. É nesse mundo vivido pelos sujeitos que é também razão do estudo que a pesquisa se concretiza. Podemos resumir que a fenomenologia nos apresenta a um mundo real, fora de todas as caracterizações do termo, composto por subjetividades humanas, compostas pelas relações sociais estabelecidas e pelas ações resultantes desse processo. É preciso ter sensibilidade para entender que a fenomenologia não é o que queremos ver, sentir, obter como resultado, e sim a realidade nua e crua de sujeitos que vivem numa mesma porção territorial, e fazem morada em outro mundo que não o nosso, e, portanto jamais terão as mesmas percepções.

Gênero, Patriarcado e Violência Intrafamiliar

Desde a década de 1980, estudos de gênero ganham ênfase entre autoras norte americanas, que motivadas pelas diferenças observadas nas sociedades entre as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, passaram a discutir e apontar para a necessidade de mudanças e quebra de paradigmas. Estudos da historiadora Joan Wallach Scott (1992) apontam para gênero como categoria surgida para explicar as relações pessoais e sociais entre os sexos femininos e masculinos e seus papéis historicamente definidos.

Por sua vez a filósofa Judith Butler (2003) se refere ao gênero como uma marca de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Isso nos permite a compreensão que o gênero está muito além das características biológicas, uma vez que as variações linguísticas e/ou culturais são também elementos assumidos por um corpo, já diferenciados sexualmente. Entre escritoras brasileiras, a geógrafa Joseli Maria Silva (2009) define a categoria como papéis sociais a serem vivenciados por corpos definidos como masculinos e femininos em diferentes períodos de tempo e espaço.

As concepções sobre gênero são realizadas em períodos, contextos históricos e geográficos diferentes, tanto no que concerne ao autor, quanto à análise do fenômeno, mas que se completam e sustentam as relações entre homens e mulheres na contemporaneidade. Necessário dizer que o estudo de gênero não é restrito aos homens e as mulheres heterossexuais, mas a todas as condições sexuais e suas relações nos espaços em que estão inseridos. Entre as situações observadas e denunciadas através dos estudos de gênero está a violência que é a forma como um indivíduo impõe suas vontades ao outro de maneira coercitiva.

No presente estudo, a violência de gênero está diretamente relacionada à maneira como a figura masculina, com uso da força física e da ideologia de superioridade gerada pela propagação do machismo durante anos na sociedade, tenta exercer controle sobre a mulher. Conduta essa diretamente atrelada ao modelo de patriarcal, no qual em algumas famílias imperava, e ainda impera, a divisão de atividades tidas como femininas e masculinas e os direitos desiguais entre os homens e as mulheres.

Somente a partir de 1980, estudos acerca da violência contra a mulher passam a se fazer presentes na sociedade brasileira, através de denúncias recebidas pelos distritos policiais e de entidades feministas de atendimento a mulher, de cunho não governamental. Nascimento Silva (2014) considera tal conquista resultado do movimento de mulheres que lutam pela garantia de seus direitos, como seres produtivos e participantes da sociedade onde vivem. As mudanças sociais e políticas que decorriam no período citado no país possibilitaram o conhecimento sobre os atos de violência, mas infelizmente, não foram suficientes para que houvesse mudanças na sociedade, reconhecendo a mulher enquanto ser de direitos e deveres.

A subserviência da mulher era ainda maior nas relações pessoais intrafamiliares, possíveis de ser observado nas atividades diárias do lar, no comportamento adequado e inadequado na visão masculina sobre as condutas da mulher, bem como sobre o corpo feminino. Pode-se ainda considerar que as mulheres eram tidas como fonte de satisfação do prazer sexual do homem, e isso de certa maneira exemplificam o motivo pelo qual até os dias atuais, a mulher é ainda vista como símbolo ou objeto sexual.

Da mesma maneira, os atos de violência em suas diversas formas cometidos contra a mulher, sempre estiveram presentes dentro do lar, nas relações de parentesco e afetividade com a vítima. Um misto de proteção, violência, afetividade, desrespeito, que se entrelaçavam nas concepções da vítima ou das vítimas e seu (s) agressor (es). Sim! É possível esta afirmação. Assim como homens que definem atos de violência como condutas de quem ama, há mulheres que tem este entendimento acerca de ações violentas sofridas.

Nesse sentido, falar sobre violência é algo desafiador, uma vez que as concepções são subjetivas e o entendimento pode vir acompanhado de uma trajetória de vida, a qual não temos conhecimento. Entretanto utilizaremos as considerações de Chauí (1985) que caracterizada a violência como uma relação de força e poder, tanto em relação às classes

sociais ao qual cada cidadã e cada cidadão pertencem, bem como nas relações interpessoais, que explicam as relações hierárquicas de desigualdade com intuito de dominar, explorar e oprimir.

É a transformação daquilo que é diferente em desigual pela relação de inferioridade e superioridade entre os sujeitos, que em dado momento deixa de ser visto como ser humano e passa a ser entendido como “coisa”. Saffioti (2010, p. 13) corrobora com as considerações, ao definir o fenômeno como “[...] qualquer ato cometido contra outra pessoa que causa a ruptura de sua integridade física, psíquica, sexual, moral e/ou outros”. A violência é caracterizada ainda pela inércia, pela falta de ação e pela quietude, daquele ou daquela que sofre a violência.

A violência somente tem certo grau de aceitação quanto se torna algo necessário como legítima defesa da própria vida, ou da vida de outrem. Deixa de ser assim considerada, quando é um meio de conseguir as coisas, quando se transforma em estratégia, minimamente pensada ou não, porém que acaba se transformando no início da ação (ARENDRT, 1994). Ou seja, a intenção dos atos de violência serem praticados a redirecionam para outro contexto: o da premeditação. E a partir daí, o ser humano usa sua capacidade para ferir, maltratar e reduzir o outro a condições subumanas, ainda que isto não seja essencial à continuidade de sua vida, e, portanto não se sustenta.

Grande parte de atos de violência contra o gênero feminino são praticados no próprio lar, sendo a vítima e o agressor, pessoas próximas, com grau de afetividade e que na maioria das vezes residem no mesmo local. Crimes e/ou violações de direitos que possuam natureza semelhante à descrita são enquadradas como violência doméstica. Salutar distinguir violência doméstica de violência intrafamiliar, uma vez que na violência doméstica “[...] inclui outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. Incluem-se aí empregados (as), pessoas que convivem esporadicamente, agregados” (BRASIL, 2001, p. 15). Já a violência intrafamiliar pode ser cometida tanto dentro ou fora do espaço doméstico, por entes familiares e pessoas consideradas “parentes”, mesmo sem possuir laços consanguíneos.

Nesse sentido, a violência familiar está além do espaço compartilhado pelas pessoas, ou seja, o lar onde ocorrem os atos violentos, bem como baseados na ligação construída e efetuada (BRASIL, 2001). O Ministério da Saúde no início do século XXI considerava que “A violência intrafamiliar toma a forma de maus-tratos físicos,

psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais, causando perdas de saúde ainda pouco dimensionadas. Percebê-la e registrá-la vem sendo um desafio para profissionais de todas as áreas” (BRASIL, 2002, p. 14). Após dezessete anos, fechando a segunda década do presente século, este é um dos maiores entraves quanto os atos de violência ocorridos dentro do lar, em relações intrafamiliares.

Há de se considerar que ainda perdura na sociedade uma série de estratégias visando preservar a imagem da “sagrada família”, entretanto, os integrantes de algumas famílias, experimentam o medo, insegurança e violência no lar. Rangel (2006, p. 17) corrobora como o exposto ao afirmar que “O núcleo familiar, durante um longo período da história se manteve sacralizado e inviolável, na atualidade, no entanto essa impermeabilidade vem sendo mitigada, ao ser desnudado para o olhar público”. O ambiente tido como sagrado e familiar, pode revelar ações violentas e corriqueiras.

Diante disso, em muitos lares impera o “Pacto do Silêncio” como forma de manter encoberta as atrocidades cometidas por pessoas de maior idade, ou com maior força física sobre outros grupos que partilham do mesmo recinto, como é o caso dos abusos sexuais incestuosos. Para a filósofa alemã Hannah Arendt (1994, p. 44) “Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente o outro está ausente”. A existência da violência anula qualquer intenção ou característica de poder. A ausência do poder por sua vez é o que possibilita a concretização da violência.

Entretanto, a filósofa brasileira Marilena Chauí (1985) considera que poder e violência andam lado a lado e está condicionado à situação de submissão do outro que se dá sob vários aspectos a exemplo da estrutura física, idade e gênero que aquele ou aquela que sofre os atos possui e que conseqüentemente será a vítima. O poder exercido sobre o corpo, independente do gênero, na tentativa de disciplinar e domesticá-lo, não expõe somente o uso da força física como meio que possibilitará alcançar o objetivo.

Isso pode ser realizado através das concepções e poder de influência sobre o outro, fato este levado em consideração pelo filósofo Michel Foucault (1999) onde considera que a autoridade é capaz de calar os indivíduos. Poder, violência, opressão são fatos confirmados nos casos de abuso sexual de cunho incestuoso, realizado por pessoas adultas que ao longo da história utilizam crianças e adolescentes em suas práticas sexuais, almejando satisfazer seu prazer sexual.

Os abusadores sexuais não se intimidam em utilizar a força física, combinando tipos de violência, a exemplo de sexual e psicológica. As práticas de violência sexual contra crianças e adolescentes estão no bojo de discussões desde a década de 1990 no território brasileiro quando são elaboradas leis que amparam os menores a nível nacional. As discussões passaram a ocorrer após a Convenção sobre os Direitos da Criança organizada pela Organização das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989.

No Brasil, dados obtidos através do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde sobre a violência sexual entre os anos de 2011 a 2017 demonstram que foram registrados 58.030 casos de violência sexual contra crianças, sendo que 43.034 casos, ou seja, 74,2% as vítimas eram do gênero feminino, no qual 51,9% tinham entre 01 a 05 anos e 42,9% entre 06 a 09 anos. A maior parte dos abusos 39,8% foi cometido por pessoas que mantinham vínculo familiar com a vítima e a residência (71,2%) o lugar onde os abusos ocorriam (BRASIL, 2018).

No mesmo período o número de registros de adolescentes submetidos à violência sexual foi de 83.060 mil entre os gêneros feminino e masculino, sendo o gênero feminino aquele que apresentou o maior número de vítimas com registro de 76.716 (92,4%). Entre as meninas 67,1% tinham entre 10 a 14 anos, a residência o lugar da ocorrência da maior parte dos abusos (58,7%), seguido pelas vias públicas (14,1%). A análise retrata que em (92,4%) o algoz era do gênero masculino (92,4%) no qual em 38,4% dos casos eram pessoas do vínculo intrafamiliar (BRASIL, 2018).

Diante dos números corroboramos com os apontamentos de Judith Butlher (2003) de que a proibição ao ato não é o suficiente para que ele não ocorra. Pelo contrário, o problema é de grande proporção e caracterizado como fato social. Infelizmente aqueles que deveriam preservar a vida das pessoas possuintes ou não de laços sanguíneos, parentesco ou proximidade, são os que se aproveitam da confiança da vítima para a prática da violência. Além disso, geralmente são pessoas consideradas fora de perigo.

A fragilidade do lar e os atos cometidos pelos abusadores sexuais podem ser utilizados para refletir o não cumprimento da preservação dos direitos humanos presentes tanto na Constituição Federal Brasileira de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente através da Lei 8.069 de 13 de Julho de 1990 e no Decreto N°99. 710 de 21 de Novembro de 1990 que promulgam a Convenção sobre os Direitos da Criança. Tais leis visam assegurar às crianças e adolescentes condições de sujeitos de direitos, bem como o

desenvolvimento integral e integrado dos mesmos. Entretanto, na prática presenciamos as dificuldades de garantir que as mesmas sejam cumpridas.

No estudo, além da não garantia de direitos resguardados na constituição e outra lei criada para assegurar a proteção da infância e juventude evidenciou que as vítimas além de serem submetidas ao abuso sexual, psicológico e físico, eram sujeitas a conviver diariamente com o agressor, compartilhar o mesmo espaço e ambiente que seu algoz. Isso desmistifica concepções de que a rua é o lugar do perigo e o lar é sempre lugar de segurança, aconchego e proteção.

O arquiteto, pedagogo e filósofo Otto Friedrich Bollnow (2008) em sua obra “*O homem e o espaço*” nos conduz a reflexão da casa que nos permite fazer as comparações acerca do ambiente vivenciado tanto pela vítima de abusos sexuais quanto pelo abusador. Na visão do autor o local de habitação representa o porto seguro para homem, qualquer movimentação que ele faça no espaço regressará ao seu local fixo ou de estadia temporária. Para o autor o espaço externo a casa “[...] é o espaço da atividade no mundo, é o espaço do desabrigo, dos perigos e da exposição” (BOLLNOW, 2008, p. 139), ou seja, fora do ambiente de habitação o homem perde sua segurança.

A casa pode até ser assim considerada pelo agressor, que encontra no ambiente doméstico segurança para praticar os atos de violência e se sente protegido, do julgamento da sociedade ou de qualquer outro ato que possa ser cometido contra sua pessoa. As considerações de Bollnow (2008) se assemelham ao a concepção de Bachelard (1993, p. 24) quando o autor afirma que “A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?”.

Nesse sentido, ao refletir sobre o espaço vivenciado, é importante levar em consideração a dinâmica no qual os sujeitos se inserem, bem como analisar como coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas nesse horizonte. Anne Buttimer (1992) considera o espaço, sob o ponto de vista fenomenológico, como sendo um conjunto dinâmico no qual as experiências ocorrem à medida que o ser humano se movimenta e desloca-se, nos proporciona fazer correlação entre as de vítimas de abuso sexual com o lugar vivenciado. Tal espaço pode até constituir o primeiro mundo de convívio, mas será também de onde as lembranças estarão presentes nas memórias das vítimas, por um longo período de tempo em suas histórias.

Lembranças essas que não se regressará com saudades, tampouco com vontade de reviver, senão com sentimentos topofóbicos, como diria o geógrafo Yi-Fu Tuan (1980, p. 87) o qual afirma que “[...] a familiaridade engendra afeição ou desprezo”. Nesse sentido, o emprego do termo se adequa ao sentimento e percepções das vítimas em relação ao espaço vivido onde os abusos sexuais eram cometidos, além disso, há uma sobrecarga de (re) sentimentos presente nas vítimas em relação aos seus agressores, que na fase adulta analisam as relações de proteção que deveria ter existido, e as perdas resultantes desse processo.

Tal situação possibilita a ideia de lugar que segundo o autor possui essência única com história e significados, que está diretamente ligado às experiências e as expectativas das pessoas (TUAN, 1983), o lugar não é essencialmente a construção material onde o ser humano estabelece moradia, senão os sentimentos, as percepções e as experiências tidas no meio vivenciado. Corroborando com as considerações do autor, Buttimer (1992) considera que o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana.

Ambas as concepções de Tuan (1983) e Buttimer (1992) são reafirmadas por Bachelard (1993, p. 19) ao dizer que “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”. Os sentidos humanos se complementam como se fossem conjuntos indissociáveis, e possibilitam lembranças sobre os ambientes vivenciados.

O ser humano constrói elos ou desprazer em relação aos ambientes ao qual pertence e que conseqüentemente faz parte de sua vida. Isso poderá ser entendido a partir das considerações das entrevistadas que relataram suas histórias de vida, sua relação parental, a percepção são os ambientes onde os abusos ocorriam e as conseqüências decorrentes desse ato ao longo de suas vidas. Consideramos imprescindível a aproximação entre a geografia e a fenomenologia, não como forma de revelar a qualidade da conscientização humana sobre o espaço geográfico, mas por entender como os seres humanos são de certa forma, atingidos pelos elementos do espaço geográfico, principalmente através das relações estabelecidas entre os grupos sociais.

Abuso Sexual Incestuoso: Percepções e Lembranças

A negligência, excesso de confiança dos responsáveis pela menor sobre aqueles que compartilham o dia a dia com as vítimas, falta de credibilidade na fala da padecente, são algumas brechas que possibilitam que a cada dia mais e mais casos de abuso sexual contra menores ocorram. A infância e a adolescência são as melhores fases da vida e etapas vitais a formação de cada sujeito, o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau em sua obra “Emílio ou Da Educação” (2004), discute a formação da criança e adolescente como importantes etapas da vida humana, norteadas pelo papel da família (pai e mãe) na educação dos mesmos.

Os pais são as primeiras pessoas que têm por obrigação cuidar os seus filhos contra todo e qualquer mal existente nesse mundo, entretanto, nos casos de abuso sexual de cunho incestuoso, percebe-se a participação de ambos os genitores: de um lado o pai como abusador sexual, e de outro a mãe que encobre os fatos para que eles não sejam descobertos. De acordo com Saffioti (2010) o abuso sexual incestuoso ocorre quando há relações sexuais entre membros de uma mesma família, podendo ser entre irmãos, pai com filhos (as) e mãe com filhos (as), parentes consanguíneos, ou pessoas de confiança e de convivência da vítima. É um ato marcado por uma relação de poder do agressor sobre a vítima, onde não há convergência de vontades, além de ter doses exageradas de autoridade.

O primeiro relato retrata a vida de uma mulher de 29 anos, que se autodenominou Resiliência e que além de não relatar aos pais os abusos sofridos pelo irmão quando pequena carregou consigo as lembranças dos fatos. Somente após recorrer à ajuda especializada conseguiu falar sobre o assunto, que tanto lhe causa dor,

Chamo-me resiliência, não vejo outra palavra que melhor me define. Minha vida inteira tive que lutar para sobreviver, hoje consigo ver isso após buscar ajuda psicológica e psiquiátrica e falar sobre o assunto. Durante 25 anos guardei tudo o que sofri somente para mim, resultado disso é que com 29 anos faço uso de medicamentos para dormir e para transtorno de ansiedade generalizada. Meu próprio irmão abusou de mim por muito tempo, cerca de 3 a 4 anos, não lembro com precisão era muito pequena. As primeiras vezes eu tinha em torno de 04 anos de idade, digo isso devido a casa em que morávamos antes da família se mudar para outro local. Na nova morada, eu dormia no mesmo quarto que meu irmão e os abusos eram frequentes. Eu não sabia o que era aquilo, eu não me sentia bem e não era uma coisa que eu queria. Não me recordo dele me ameaçar para eu não contar para nossos pais ou irmãos mais velhos, ele tem 09 anos a mais do que eu. Lembro que ele pedia para eu tirar a roupa e deitava na mesma cama que eu estava, ficava encostando o pênis dele em minhas partes íntimas e me perguntava se eu

estava gostando. Aquele quarto de tábuas sem nenhuma tinta nas paredes, o chão de piso queimado sem cor reflete o que foi minha vida, ou melhor, a ausência dela (Resiliência, 29 anos, Assistente Social).

A fala da depoente denuncia não somente os abusos sofridos, mas a relação entre o sofrimento e o ambiente em que os frequentes atos ocorriam formulados a partir das experiências sensoriais e perceptivas. Para Tuan (1983, p. 9) experiência é “[...] um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. As experiências de vida humana assimilada por Resiliência, as características físicas do lar em que ela vivia, nos conduz a um caminho diferente do que defendido pelo sobre o lugar como construção afetiva saudável, segurança e refúgio.

As experiências que se acumulam ao longo do tempo em determinado espaço são responsáveis pelos sentimentos cultuados ao longo da vida humana, possíveis de serem acessadas na memória através das lembranças. Para refletir sobre as considerações da depoente sobre a casa em que vivia, recorreremos aos estudos de Bachelard (1993) onde afirma que a casa ou lugar de moradia pode ser considerado um dos principais pontos de ligação entre o homem, suas lembranças e sonhos.

A concepção de Bachelard (1993) vai ao encontro com as concepções de Bollnow (2008) que caracteriza a casa como um lugar sagrado, protetor e de muito respeito. A partir da análise do aconchego do lar se chegam a conclusões prévias que para vítimas de abusos sexuais, essa segurança pensada nos diferentes estilos de construções, torna-se local de medo, perigo, sofrimento e angústias. Isso porque a maior parte dos abusos sexuais cometidos contra meninas (crianças e adolescentes) ocorrem neste ambiente. Como é possível analisar na fala de Resiliência,

Eu tinha muito medo de ficar sozinha com ele e a hora de ir dormir era sempre o pior momento do dia. Não quero voltar naquela casa onde por tanto tempo fui uma presa em suas mãos. Quase não tive carinho quando criança, nem eu nem minhas irmãs. Nossos pais sempre trabalharam muito e ficávamos muito sozinhos, a vida era muito difícil e com certeza meus pais jamais imaginariam que isso ocorria. Para eles, com certeza os filhos estavam seguros por estarem dentro de uma casa localizada em um bairro pacato. Nunca irão saber que o mal morava dentro da própria casa (Resiliência, 29 anos, Assistente Social).

Para as vítimas de abuso sexual a casa torna-se uma paisagem do medo, não pelos perigos que estão para fora dos portões, mas pelo o que ocorre dentro do ambiente hostil ao qual são submetidas. Diante desse contexto, as considerações de Tuan (1980) de que os

seres humanos possuem laços afetivos com o ambiente material é uma peça chave para a compreensão dos espaços e os sentimentos expressados sobre o lar por aquelas que se enquadram em situações de violência sexual.

Os atos sofridos tornam-se lembranças que as vítimas carregam por boa parte de sua infância, adolescência, juventude, bem como pelo resto de suas vidas. Consideramos tal afirmação condizente as considerações de Bachelard (1993, p. p. 26) que enfatiza “[...] as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós”. Gratidão que atualmente tem 27 anos demonstra a repulsa de sua casa e o medo que sentia daquele ambiente, quando na escola queria ficar ao término da aula, por causa dos constantes abusos sofridos pelo padrasto,

O primeiro abuso sexual que sofri foi pelo meu padrasto, eu tinha 05 anos e isso durou até os 10 anos. Todos os abusos sexuais foram anais e ocorreram dentro da própria casa onde morávamos no sítio. À noite, ele ia até meu quarto onde eu dormia com mais 05 irmãos, me pegava no colo e me levava até a área da casa, onde cometia os atos. Ele me ameaçava dizendo que se eu contasse iria me matar e matar minha mãe, essas coisas que é do feitio de todos. Aos 09 anos fui também abusada pelo meu irmão, ele me chamava e afastado de casa passava as mãos em minhas partes íntimas. Fui também abusada pelo dono do sítio onde morava, eu ia até a casa dele buscar verdura e ele me dava bala e passava a mão em meus seios. Como os abusos ocorriam em casa, todos os dias, na escola quando terminava as aulas e eu tinha que voltar para casa eu não queria, queria ficar na escola, preferia ir para a casa de algum amigo (a), menos ir para casa onde eu morava com medo do meu padrasto (Gratidão, 27 anos, vendedora).

A resistência em regressar a casa dos pais ao término das aulas relatado por Gratidão, não é da mesma forma como Tuan (2005, p. 34) defende como necessária a uma criança ao longo do desenvolvimento subjetivo. Segundo o autor “[...] para se tornar adulta a criança deve abandonar a segurança da casa e dos pais pelo desconcertante e ameaçador mundo lá de fora. A tentação de regressar a casa deve ser resistida”. O “mundo lá fora” foi para essa vítima fôlego que ela necessitava para continuar a sobreviver e ao mesmo tempo refúgio, quando o perigo morava dentro do próprio lar.

Entretanto o autor ressalta o medo das crianças em relação aos adultos, que há muito tempo manifestam comportamento de indiferença e crueldade em relação às mesmas. A crueldade manifesta na vítima sentimentos opressora a exemplo do medo, descrito várias vezes na fala de Gratidão,

[...] Naquele ambiente em que eu morava, me sentia totalmente desprotegida. Sentia-me feia, me sentia insegura, tinha raiva, sentia muito medo, medo, medo, medo. Medo de contar para alguém, medo da reação das pessoas. Sou grata às poucas pessoas de bem com as quais pude contar e que me ajudaram a sair dali (Gratidão, 27 anos, vendedora).

Levando em consideração a fala de Gratidão, é salutar trazer à análise os apontamentos de Tuan (2005, p. 205) no qual afirma que “Grande parte do medo humano provém de outras pessoas que sustentam o nosso mundo, mas também que o ameaçam. As forças naturais destrutivas e as doenças usam máscaras humanas”. Na presente pesquisa as mesmas pessoas que sustentavam o mundo das vítimas, eram aquelas que invadiram sua intimidade e privaram-nas de desfrutar de um futuro saudável, transformando-as em objetos dentro do próprio lar.

Para o agressor, o lar é um local de segurança onde ele encontra as condições necessárias para cometer os atos infracionais, enquanto para as vítimas é um lugar de medo, insegurança, dor e lágrimas. Nesse contexto há três assertivas que devem ser consideradas: a primeira de que por ser membro da família, ele estará a salvo de qualquer suspeita. Segundo está relacionado ao poder que o agressor tem sobre a vítima, que geralmente (sob ameaças) se cala. Terceiro, mesmo que a família chegue ao esclarecimento dos fatos, dificilmente este caso estará ao conhecimento de outras pessoas. Ao menos duas das três hipóteses podem ser vistas na fala de Tristeza,

Meu nome é Tristeza, hoje tenho 22 anos e me sinto incompleta, como se faltasse algo em mim que não sei o que é. Sou casada há dois anos e apesar de amar meu esposo, não sou feliz. Fui abusada sexualmente três vezes quando criança, pelo meu padrasto. A primeira vez eu me lembro de ter, acho que uns 05 anos de idade, a segunda vez eu tinha 09 anos e me lembro de tudo, como e fosse agora. Ele foi até meu quarto de madrugada enquanto minha mãe dormia, pediu para que eu ficasse em silêncio, tocava meu corpo e pedia para que eu tocasse o corpo dele. No outro dia ele agiu normalmente, como se nada tivesse acontecido. A terceira e última vez eu tinha 12 anos, nesse dia ele aproveitou a ausência de minha mãe durante o dia, além de fazer com que eu fizesse sexo oral nele ele (pausa, choro) penetrou. Doeu muito! Nas outras vezes, ele até colocou o órgão em mim, mas não fez tudo por completo. Minha mãe nunca soube, nunca tive coragem de contar para ela e porque ele sempre me ameaçava dizendo que se eu falasse ele iria me bater. Convivi com esse homem por quase toda a minha vida, quando tive oportunidade saí de casa, pensei que seria o fim de todo o sofrimento. Eles ainda vivem na mesma casa e faço de tudo para não ir até lá, principalmente quando sei que ele está lá. Só tenho lembranças ruins, de uma infância de muito medo. Ainda hoje, sou obrigada a vê-lo e fingir que nada aconteceu. Dele

sinto nojo e revolta. Da minha mãe não guardo mágoas, mas no fundo eu penso: você nunca desconfiou? Será que realmente não sabe de nada? (Tristeza, 22 anos, estudante).

A mãe é a pessoa que hora ou outra recorreremos, procurando aconchego e segurança. Para Tuan (2005) a partir do momento em que a criança começa a desconfiar das pessoas, ela tende a usar a mãe como uma base segura, na qual poderá procurar e confiar. Entretanto essa não é a realidade de muitas vítimas de abuso sexual incestuoso, passível de afirmação a partir da fala de Tristeza que diz não acreditar que a mãe nunca tenha desconfiado dos abusos que ela sofria por parte do padrasto,

[...] com as informações que tenho hoje, não acredito que ela nunca tenha percebido que eu me escondia dentro de roupas largas, era uma criança triste, não tinha amigos. Chego até a pensar que ela se calou, porque ela dependia dele, do dinheiro dele. Isso dói muito! Hoje, quando tenho relações sexuais com meu marido, eu choro! Não sei o porquê, é uma coisa que eu não consigo explicar com palavras, só sei que é uma coisa que me consome por dentro, parece que estou revivendo tudo aquilo, só que de outra maneira (Tristeza, 22 anos, estudante).

Necessário considerar a percepção de segurança do algoz em relação à vítima e o lar é fator primordial para que ele não se limite a realização do ato uma única vez, tampouco a uma única pessoa (caso tenha oportunidade), ainda que da mesma família, podendo a ação ser corriqueira e durar anos, até que a vítima exponha a situação, ou o infrator não tenha mais segurança para cometer o crime. No que concerne à vítima, geralmente além do abuso sexual sofrido, ela é coagida, ou seja, ameaçada pelo agressor, caracterizando assim violência psicológica, cabendo ainda agressões físicas, na tentativa de impedir o relato dos fatos a outras pessoas.

Isso tudo faz com que a vítima crie aversão ao local onde vive e/ou convive com o agressor. Além disso, mesmo estando em outro ambiente, dificilmente as lembranças irão se apagar de suas memórias, assim como as sensações tão intrínsecas e subjetivas, resultantes desse doloroso processo, deixarão de se manifestarem. As sensações e sentimentos são involuntários e ao mesmo tempo incontrolláveis.

O corpo violado seja talvez um dos piores atos de violência cometido contra o ser humano, porque resultará em inúmeras consequências que a menina, adolescente ou jovem não teria a necessidade de carregar por boa parte de sua vida, quiçá por uma vida inteira, como é o caso de Esperança que carrega consigo o medo resultante dos abusos que sofreu por parte do irmão, com apenas 06 anos de idade,

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 14, v. 07, p. 51-73, mês dez. Ano 2019.

ISSN: 1984-1647

Quando pequena meu irmão mais velho abusou de mim e morávamos em uma casa de madeira bem humilde, entre as tábuas tinha frestas, que são aqueles espaços entre uma tábua e outra, parece que em todo canto ele estava me observando por aqueles vãos. Não gosto nem de lembrar. Sempre senti repulsa dele e ele sempre me olhou com olhos de homem e não como irmão. Naquela casa pequena e de madeira vivi os anos mais tristes da minha vida. Eu não tinha um quarto de menina, não tinha muitos brinquedos e desde muito pequena com 06 anos de idade sempre tinha obrigação de ajudar nas atividades domésticas. Carinho de pai não tive, ele era muito fechado. Minha mãe trabalhava muito e não tinha tempo de cuidar de mim, praticamente fui criada pelas minhas irmãs mais velhas. Hoje me sinto tão desprotegida, mesmo estando em outro ambiente. Aos poucos estou tentando me desfazer disso tudo. Após iniciar tratamento psicológico e consegui falar sobre tudo, colocar para fora meus sentimentos, estou me sentindo melhor. Foram quase 30 anos sem dizer nada a ninguém, nunca me senti segura para falar e só relatei quando vi que precisava de ajuda, caso contrário acabaria com minha família (Esperança, 36 anos, empresária).

O corpo é sem dúvida o centro da existência humana, não há nada mais sagrado para o ser humano quanto seu próprio corpo e, portanto todas as condutas exercidas sobre ele de maneira coercitiva, forçada e que trazem consequências emocionais ou mesmo físicas acompanharão o ser humano. A condição mental é essencial ao bem estar físico. De acordo com Tuan (2005, p. 140) “[...] o corpo é o nosso cosmo mais íntimo, um sistema cuja harmonia é sentida em vez de percebida simplesmente pela mente”. Quando não respeitado este ambiente íntimo, as consequências podem ser sentidas por outros sujeitos, que não foram a causa do problema. Ademais, o ambiente não é a causa do ato, e, portanto não deveria ser assim percebido pela vítima, entretanto os estímulos sensoriais não conseguem manifestar nas vítimas outras conciliações.

Os Efeitos do Abuso Sexual Incestuoso na Vida de Meninas/Mulheres

O silêncio daquelas que carregam as marcas da coisificação da infância, adolescência e juventude se perpetuam ao longo da vida. A ansiedade e o próprio temor devido o contato com ambientes ameaçadores manifestam nas vítimas algumas patologias. De acordo com Facuri et al. (2013) a violência sexual traz sérios danos à saúde física e mental das vítimas ao longo de suas vidas. O silêncio manifestado pelas vítimas no ambiente externo, se choca com a desordem e gritos de socorro silenciados em seu interior.

Na fase infantil e adolescência, dentre os principais efeitos estariam “medo do agressor e de pessoas do mesmo sexo do agressor, queixas sintomáticas, sintomas

psicóticos, isolamento social e sentimentos de estigmatização, quadros fóbico-ansiosos, obsessivo-compulsivo, depressão; distúrbios do sono” (DAY et al. 2003, Apud FLORENTINO, 2015, p. 141). Na fase adulta, como destaca Facuri et al. (2013) tais problemas persistindo culminam em quadros mais graves, como: tentativa de suicídio, depressão, síndrome do pânico e uso de substâncias psicoativas. Esses sentimentos foram relatados por Perseverança,

Eu sofri abuso por parte do meu avô paterno. Ele pouco convivia comigo, visitava de vez em quando. Certo dia ele aproveitou a ausência de meus pais e foi dar banho em mim e minhas irmãs. Lá ele retirou o pênis para fora e começou a esfregar em nós. Eu tinha uns 10 anos na época, não sabia o que era aquilo. Ninguém falava sobre isso com a gente. Todas as vezes que ele ia me dar um abraço ele ficava se esfregando na gente, isso não era normal. Quando eu tinha uns 14 anos de idade, contei a minha irmã mais velha e ela disse que era para eu tomar cuidado e que aquilo não era certo. Eu me sentia mal com a presença dele. Eu cresci tendo medo de homem, achando que todos poderiam ser do mesmo jeito. Guardo muita mágoa e muita revolta dele. Uma tia minha morreu muito jovem, afogada. Hoje eu penso que talvez não tenha sido um acidente, porque sei que ele abusou de duas filhas dele. Penso que ela tenha se suicidado para não conviver com isto (Perseverança, 42 anos, dona de casa).

É comum as vítimas sentirem medo de pessoas do mesmo sexo que o agressor, ademais demonstra constantemente tristeza, irritabilidade, vergonha do próprio corpo, além de ter baixa autoestima. Dependendo do horário que os atos contra a vítima são cometidos ela pode ainda desenvolver distúrbios de sono. São pessoas mais propensas ao isolamento social, dificuldades nas relações matrimoniais e suicídio.

Além das manifestações mencionadas a vítima tende a alimentar sentimento de culpa com relação ao ocorrido e vergonha a ponto de não conseguir expor a situação para outras pessoas em busca de auxílio. Com isso, desenvolve mecanismos para esconder o corpo, principalmente a partir do desenvolvimento dos órgãos sexuais. A agressividade por ela sofrida pode não ser repassada adiante da mesma maneira, entretanto despertam em si, mesmo que inconscientemente, personalidade agressiva, por meio da fala, e de atos que confirmem tal característica.

A percepção que se tem, é que todo o mal a ela feito se transformam em variáveis, que de uma forma ou de outra, será repassado adiante, ou seja, externalizado. A casa é um lugar tão hostil para as vítimas de abusadores sexuais, que as ruas passam então a ser o

aconchego que não conseguiram encontrar em seus lares. A partir daí, a vítima estará exposta a outras formas de violência, como agressões e delinquência.

Resultado disso é que algumas tomam caminhos indesejáveis, colocando em risco sua segurança e de outras pessoas adentrando no mundo do álcool, das drogas e dos crimes, como é o caso da irmã de Gratidão, que também vítima do padrasto entrou para o mundo das drogas e da prostituição.

Minha irmã passou por tudo o que passei, mas só vim saber disso alguns anos depois. Ela era uma menina muito bonita e cerca de dois anos mais nova do que eu. Quando vim embora para a cidade, passei a ter pouco contato com minha família. Em uma visita, depois de um bom tempo sem vê-los ela me relatou tudo o que vinha sofrendo nas mãos dele. Ela era uma mocinha já e ele a obrigava a manter relações sexuais com ele, naquele dia disse a eles que gostaria que ela me acompanhasse porque havia recebido uma boa proposta de emprego e gostaria que ela viesse comigo, pois quem sabe o serviço pudesse ser dela. Ela veio, e para lá nunca mais voltou. Pouco tempo depois minha família inteira veio para a cidade, inclusive o padrasto. Na época eu tinha um emprego e ganhava muito pouco, ela também conseguiu um emprego e pagávamos um quartinho para ficar. Quando minha mãe veio para a cidade ela nos chamou para morar na casa com ela, eu não quis, aquele homem me causava pavor. Ela ficou com pena de minha mãe e foi. Os abusos voltaram a ocorrer, com isso ela começa a usar bebidas alcóolicas e fazer uso de maconha. Eu chamei ela para morar novamente comigo, mas ela não aceitou, a partir daí ela entrou no mundo da prostituição e do crime para suprir seus vícios, da maconha passou a usar drogas mais fortes, como o crack por exemplo. Faz muito tempo que não a vejo, porque todos sabem onde termina esse caminho. Peço a Deus justiça porque ela poderia ter tido uma vida bem diferente (Gratidão, 27 anos, Vendedora).

A violência sexual deve ser considerada um ato contra a vida, levando em consideração os inúmeros problemas aos quais as vítimas desenvolvem resultante dos atos de violência sexual, muitas vezes acompanhado pela violência física, verbal e psicológica. O medo por elas relatado e o sentimento de desprazer em relação à casa ou local de moradia não é uma concepção qualquer, senão respostas subjetivas diretamente ligado a violência sofrida, principalmente pela proximidade e grau de parentesco entre as vítimas e os agressores, que como visto compartilhavam o mesmo ambiente, estando os agressores em posição de poder sobre elas, manifestado através da maior idade, da posição dentro do contexto familiar, bem como a salva de suspeitas de qualquer ato cometido.

Considerações Finais

Possível afirmar que a maior parte dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes com ênfase no gênero feminino ocorrem dentro das relações intrafamiliares, no que é conhecido como abuso sexual incestuoso o que conduz a reflexão da fragilidade do lar, resultando na necessidade de estudos aprofundados. Outro dado alarmante é a “Lei do Silêncio” que impera nos lares onde tais atos são cometidos, pois a maioria dos agressores são os responsáveis por suprir as necessidades básicas da família e o crime por eles cometidos não é denunciado por quem deveria zelar pelo desenvolvimento pleno da criança e/ou adolescente.

Os autores citados ao longo do estudo foram de suma importância para o entendimento sobre o assunto e principalmente para subsidiar os relatos feitos pelas depoentes. Há enorme dose de sentimentos de aversão ao ambiente vivenciado pelas vítimas por ser o mesmo ambiente ao qual conviviam com seus agressores, que não apenas interferiram no bem estar da vítima no período em que foram abusadas, mas continua a se fazer presente décadas após o ato de violência sofrido. A invasão dos corpos e a coisificação da infância e adolescência, que reduzem o ser humano a condições sub-humanas nos motiva a fazer do tema um ponto de estudos mais aprofundados.

Diante de todo o cenário, há necessidade de estimular debates, abrir espaço de diálogos de maneira que, maior número de indivíduos se atente a esse tipo de crime mais comum do que se tem registrado nas estatísticas no Brasil. Principalmente despertar nas pessoas a sensibilidade de identificar, denunciar, orientar, acolher e ajudar as vítimas que passaram por esse processo de violência contra a dignidade humana ou contra a vida. Além disso, pretende-se tornar esta pesquisa um instrumento de estudo e subsidiar a efetivação de políticas públicas, possibilitando às meninas e mulheres vítimas do abuso sexual o acesso às informações e serviços, oportunizando a busca por qualidade de vida e reconhecimento de si mesma.

Referências

ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.

ARENDT, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba. Editora da UFPR. 2008.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. **Lei Nº 12. 015 de 7 de Agosto de 2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. **Lei Nº 11. 340 de 7 de Agosto de 2005**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 09 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. -

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: Várias autoras, *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, nº 4, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985, pp.25-62.

FACURI, C. de O.; FERNANDES, A. M. dos S.; OLIVEIRA, K. D.; ANDRADE, T. S.; AZEVEDO, R. C. S. **Violência sexual**: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 29(5):889-898, maio 2013.

FLORENTINO, B. R. B. **As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio-ago. 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. 2ª ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

NASCIMENTO SILVA, M. das. G. S.; SILVA, J. M. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2014.

RANGEL, P. C. **Abuso sexual intrafamiliar recorrente**. Curitiba: Juruá. 2006.

SAFFIOTTI, H. I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

SCOTT, J. W. **Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo, Ed. Unesp, 2005 (1979).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

Sobre o autor

Danúbia Zanotelli Soares

Mestranda em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Graduada em Geografia - Faculdades Integradas de Ariquemes (2009). Especialização em Gestão Ambiental pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2010).

Maria das Graças Silva Nascimento

Doutora em Ciências Sócio Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia - NAEA da Universidade Federal do Pará (2004). Pós-Doutorado em Geografia Humana, na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - PR. Mestra em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1996). Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (1988). Professora Associada do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Docente do quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia.

Como citar esse artigo

SOARES, D. Z.; NASCIMENTO, M. G. S. Percepções de crianças e adolescentes vítimas de abusos sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)**, n. 14, v. 7, p. 51-73, 2019.

Recebido em: 2018-04-05

Devolvido para correções em: 2019-05-21

Aceito em: 2019-08-28